

Sobre novos espaços de ensino-aprendizagem em História: os ambientes virtuais enquanto novas salas de aulas na era da informação.

Deyvid Anderson Alves Medeiros

Graduando em História Bacharelado

Lêda Mayara Alves da Silva

Graduanda em História Licenciatura

Monielle Medeiros Mariz

Graduanda em História Bacharelado

A utilização do computador na realização do trabalho dos historiadores favoreceu, enormemente, as ações dos pesquisadores e dos profissionais do ensino de história. Por este motivo e pelas inúmeras possibilidades que os usos destes instrumentos tornam capazes, propomos o presente trabalho, que tem como objetivo, discutir o uso dos espaços virtuais enquanto territórios para o processo de ensino-aprendizagem da disciplina supracitada. Trataremos do uso de espaços que estão *para além* dos muros das escolas e das universidades. Problematizamos sobre a forma que estes espaços podem ser explorados pelo professor, especificamente, enquanto meio facilitador/dinamizador, como campo para o experimento de novos métodos no processo de ensino-aprendizagem e como laboratório de experiências didático-pedagógicas. Neste sentido, parte de nossas questões vêm sendo debatidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/História, em discussões de autores como FIGUEIREDO, SANTOS e MORAN. Dentre as ações desenvolvidas inventariamos experiências em *chat's*, a utilização de redes sociais e a produção de material didático-digital, em ações ilustradas tanto no universo escolar, quanto na universidade. Nessa comunicação, pretendemos, portanto, além de discutir as possibilidades do uso do computador em rede para o ensino-aprendizagem, também, relatar as experiências dos alunos vinculados ao PIBID.

Palavras Chave: Ensino de História. Espaços virtuais. Experiência docente.

Notas introdutórias

Vivemos em uma sociedade da transformação. Transformação esta que tem afetado os modelos de família, Estado, comunicação, e, sobretudo, o modelo de educação, que cada vez mais tem deixado de ser tradicional, e passado a ser inovadora, no sentido de que tem se apropriado de novos dispositivos que atendam às necessidades das pessoas que estão sempre em movimento/mudanças, e que compõem essa sociedade da transformação.

Concomitante a esta ideia, Zigmunt Bauman nos atenta para a noção de uma *modernidade líquida*, em que os antigos e sólidos modelos que perduravam em nossa

sociedade passaram por um processo de *liquefação*, isto é, momento em que os modelos concretos (de educação, de família, de política) passam a derreter-se, a serem desconstruídos para que novos modelos, adequados à essa modernidade líquida, possam surgir (2001, p. 9).

Nesta quebra de modelos, a grande liquefação na esfera da educação tradicional começa a ser sentida quando se passa a contar com o emprego das tecnologias, e mais especificamente (e recentemente) do computador enquanto recurso. Novos recursos, e conseqüentemente novas práticas são adotadas, para um público que também é novo, e que difere daquele mero receptor de saberes, característico da prática pedagógica unilateral e alvo das mídias de massa; é, pois, um tipo de alunado que se pretende que o seja interativo, num modelo de educação *todos-todos*¹ (LEVY, 1999, p.61) e numa prática pedagógica criativa, nova e aberta.

A internet “(...) é a mídia mais aberta, descentralizada (...)” (MORAN, 1997, p. 1). Difere das mídias de massa, que são entendidas como

“dispositivos de comunicação que difundem uma informação organizada e programada a partir de um centro, em direção a um grande número de receptores anônimos, passivos e isolados uns dos outros” (LEVY, 1999, p. 239).

Com a internet, há a possibilidade de o sujeito/aluno se expressar. A informação e o saber são transmitidos, e para isso existe um retorno, que se dá através das opiniões públicas expressas e das discussões geradas no espaço virtual. A informação, o conhecimento e os saberes circulam. Além disso, a Internet, especificamente falando, “é uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece” (MORAN, 1997, p. 5)

Não se trata, contudo, de fazer uso das tecnologias a todo o custo em busca de um modelo educativo que seja reflexo de inovação, de modernidade. É questão de adaptação à medida que acompanhamos

“(...) consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno” (LEVY, 1999, p. 172)

¹ O termo *todos-todos* designa a relação entre os participantes da comunicação, onde explicita que *todos* aprendem com *todos*.

Além disso, Muirakytan Kennedy de Macêdo também atenta para a importância da internet no contexto educacional atual:

“Diante de todas essas penúltimas versões da realidade, tentamos antenar determinados procedimentos da educação formal às tendências atuais da conjuntura digital. Tal atitude não surge do modernoso impulso contemporâneo pelo *fashion* efêmero. Mas, por situações concretas que nos exigiam urgência na democratização das informações geradas no mundo acadêmico da pesquisa, extensão e ensino universitários” (2008, p. 82)

Segundo Valdenildo Pedro da Silva, as “(...) tecnologias, se usadas adequadamente e com inteligência, têm grande potencial para contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento do pensamento humano” (2008 p.62).

Introdução do computador no ensino de História

No campo da História, a utilização do computador em rede contribuiu enormemente para o trabalho de pesquisa realizado pelos historiadores, bem como para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem que é responsável o professor de História.

Os historiadores foram percebendo aos poucos, que

“o micro poderia ser muito mais que uma máquina de escrever eficiente em que o processador de texto operava maravilhas. Suas aplicações evoluem então do processador de texto para programas de bancos de dados, gráficos, estatísticas e redes de comunicação” (FIGUEIREDO, 1997, p.420).

Foi possível digitalizar documentos, e ainda alterá-los, isto é, restaurá-los e preservá-los, e sobretudo ampliar democraticamente a pesquisa e os acervos. Como aponta Eduardo José Reinato, “no campo da pesquisa, a informática, além de permitir o acesso a informações de outros pesquisadores (...), possibilitará não só troca de informações mas, principalmente, a radicalização de uma postura interdisciplinar” (2005 p. 7). E como, concomitante afirma Luciano R. Figueiredo, “as redes de informação aparecem cada vez mais como importantes canais para acesso e distribuição de informações para os historiadores” (1997, p. 434).

Na área do ensino, as possibilidades da utilização do computador em rede para uma proposta metodológica facilitadora-dinamizadora, são as mais diversas possíveis.

Das físicas salas de aulas, a era da informação que vivemos nos permitiu entrar (pelo menos cognitivamente) e conhecer novos espaços: os ambientes virtuais de ensino-aprendizagem. “As paredes das escolas e das universidades se abrem, as pessoas se intercomunicam, trocam informações, dados, pesquisas” (MORAN, 1997, p. 1) nas “salas de aulas virtuais”.

Por ambientes virtuais de aprendizagem, o que chamamos metaforicamente de salas de aula virtuais, entende-se como “um sistema que reúne uma série de recursos e ferramentas, permitindo e potencializando sua utilização em atividades de aprendizagem através da Internet (...)” (VAVASSORI; RAABE, 2006, p. 314). A grosso modo, são espaços virtuais que possibilitem o ensino e a aprendizagem em qualquer área do saber.

Nestes espaços, é possível *mediar*² o processo educativo por meio dos mais diversos *webrecursos* e ferramentas que ele disponibiliza, como os chats, os fóruns e as videoconferências (bastante empregados na Educação a Distância³). A educação online de forma geral, permite ainda valorizar habilidades e competências, possibilitar novas formas de cooperação e encorajar a expressão pública, e ainda agir diretamente em numerosas funções cognitivas humanas, como a memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio (LEVY, 1999, p. 157). O diálogo, a troca de informações e de opiniões, a participação, a autoria criativa e colaborativa são o que existem de mais essencial em educação autêntica (SILVA, 2006), além das conectividades linguísticas, geográficas e interpessoais que são traçadas pelos alunos (MORAN, 1997, p. 8) e que, compartilhadas entre os indivíduos no processo educativo, aumenta-se consideravelmente o potencial de inteligência coletiva de grupos humanos (LEVY, 1999).

O gosto pelo novo é despertado. E com ele, “aumenta a motivação, o interesse dos alunos pelas aulas, pela pesquisa, pelos projetos. Motivação ligada à curiosidade pelas novas possibilidades, modernidade que representa a Internet” (MORAN, 1997, p. 8)

² No processo educativo que tem como base o uso das tecnologias, o professor passa a assumir o papel de mediador, que é responsável por gerar a interação entre os alunos e o meio. Pierre Levy o denomina de “engenheiros de mundos”: “O engenheiro de mundos surge, então, como o grande artista do século XXI. Ele provê as virtualidades, arquiteta os espaços de comunicação, organiza os equipamentos coletivos da cognição e da memória, estrutura a interação sensório-motora com o universo de dados” (1999, p.145).

³ Nosso trabalho não tem como proposta discutir a modalidade Educação a Distância. Obviamente trataremos de aspectos que estão intimamente relacionados à EaD como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), contudo não é ela o nosso enfoque.

Contudo, a tarefa de ensinar nas salas de aulas virtuais deve estar sempre se recriando, à medida que novos recursos vão sendo adotados e novas práticas vão surgindo. Daí tira-se a necessidade de projetos e cursos de atualização/aperfeiçoamento dos professores que lidam com esse aparato tecnológico e essa sociedade da transformação

No ensino de História, é onde existe maior necessidade neste sentido. Para Muirakytan K. de Macêdo, “a arquitetura das novas tecnologias aplicadas, particularmente, ao ensino de História, ainda não atingiram um nível de interatividade que parece ser uma das características fundadoras da WEB” (2008, p. 84). E é com base nesse pressuposto que desenvolvemos nossos *ensaios* docentes a partir da utilização dos *webrecursos*.

Relatando experiências da vivência-docência em novos espaços

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID, subprojeto de História, implantado em abril de 2010 e concluído no ano de 2012, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Campus de Caicó/RN, e na Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim – EECCAM em Caicó/RN, tinha por objetivo principal atuar na melhoria da qualidade do ensino de História a partir do uso de novos recursos e metodologias.

As atividades desenvolvidas na Escola eram fundadas em quatro grupos de trabalho, a saber: Leitura e comunicação, Imagem, Jogos Didáticos, e Mídias.

O trabalho com mídias desenvolvido pelo nosso grupo no contexto educacional é justificado pelos resultados obtidos a partir de questionários que foram aplicados na referida Escola em abril de 2010, início da execução do Projeto, onde procurava-se diagnosticar as principais dificuldades e carências do alunado, bem como seus anseios para melhores usos escolares da História.

Uma das questões perguntadas, e ela também vêm justificar o nosso trabalho desenvolvido com as mídias, foi como os alunos ocupavam o tempo fora da Escola.

De acordo com a figura 1, dos 238 questionários aplicados, 117 alunos, o que corresponde a 49,2% do total, responderam que acessam a internet e assistem TV nos horários vagos, isto é, se dedicam a algum tipo de mídia.

18. Como ocupa o seu tempo quando não está na Escola?

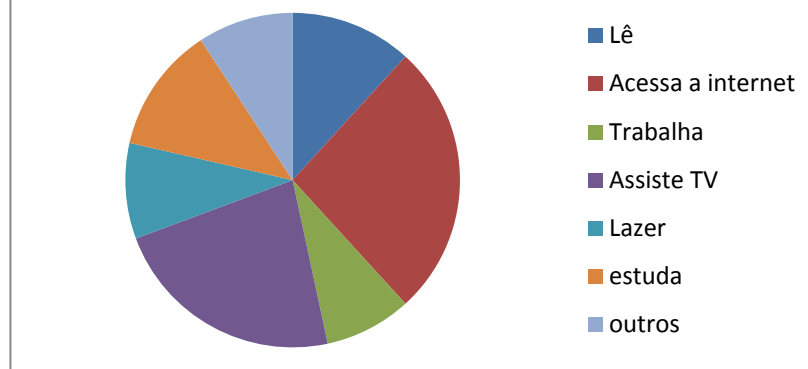


Figura 1 Tempo ocupado pelos alunos fora da Escola – Fonte: Arquivo PIBID 2011.

Conforme afirma José Antônio Ramalho,

“O número de pessoas que transfere suas horas de lazer do convencional para o digital aumenta continuamente. Quanto mais jovens forem os usuários, mais longe das formas de comunicação e lazer convencionais eles estarão” (2010, p. 42).

Partindo destes dados, planejamos e executamos ações que tinham como *webrecursos*, o uso de diferentes mídias, mais precisamente a criação de um Blog⁴ e de redes sociais (Orkut⁵ e Twitter⁶) com fins educativos, a utilização de salas de bate papo, filmes e documentários, e bem como a produção de material didático digital.

Realizamos atividades em que inserimos os alunos no espaço virtual, apresentando-os às possibilidades de aprendizagem que a web oferece. As ações desenvolvidas neste sentido foram realizadas tanto na EECCAM, quanto na UFRN Campus de Caicó/RN.

Tivemos como ponto de partida a ideia de que usar do espaço virtual para fins educacionais, poderia tornar o processo de ensino e aprendizagem dinamizador, que facilitasse a comunicação, a leitura e a escrita, além do espírito de cooperação e consequentemente da aprendizagem conjunta.

⁴ Endereço de acesso: pibidceres.blogspot.com. – Lá são disponibilizados textos, fotos, notícias e relatos de atividades do Projeto PIBID, tanto na Escola, quanto na Universidade.

⁵ PIBID História – É realizado um contato mais próximo com os alunos por meio dos perfis. São também apresentadas fotos das atividades desenvolvidas

⁶ @Pibidhistcaico – Canal de informações rápidas. Por meio do twitter, damos avisos, sugerimos leituras e outras notícias rápidas

Além disso, ainda existe o fato de que “cada vez mais, nesta época atual, pensar, aprender e conhecer acontecem por meio da mediação técnica, e muitas vezes isso pode ocorrer dentro ou fora das instâncias educacionais formais” (SILVA, 2008, p. 71).

A sala de bate papo, lugar de conversas informais, comumente livres de qualquer pretensão educacional, tornou-se um lugar de importantes discursões sobre ela própria.

No III Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão do CERES/UFRN, com base em nossas experiências na sala de aula (presencial da EECCAM e) virtual, ministramos a Oficina “Da sala de aula a sala de bate papo: a mudança do espaço educacional na era informacional”, aos professores em formação do Curso de História do CERES/UFRN. Numa sala de informática, acessamos juntamente com eles à uma sala de bate papo do site Terra, e atuamos como mediadores da discussão que pretendíamos desenvolver sobre o lugar em que estávamos e as possibilidades de sua utilização no processo de ensino e aprendizagem.

Falar daquilo que eles experimentavam foi extremamente importante para poderem formular uma opinião sólida sobre o recurso e a metodologia. Diversas considerações foram feitas: sobre a importância da escrita e da comunicação, que era trabalhada à medida que dialogavam; as importantes considerações dos participantes, inclusive dos alunos tímidos que geralmente não debatem em sala de aula presencial; e ainda por ser possível pesquisar sobre aquilo que conversavam. Há ainda no chat a vantagem de, embora não tenha sido explicitada pelos participantes, ter “um grande potencial democrático, por ser aberto, multidimensional” (MORAN, 1999, p. 7)

Desta Oficina, ainda pudemos tirar algumas conclusões com respeito a alguns aspectos negativos que advieram dela: uma discursão é rapidamente substituída por outra, sendo que muitas vezes é mal explorada; há uma grande facilidade para a dispersão dos temas; o fato de poder realizar pesquisas em outras páginas também pode contribuir para a dispersão; e muitos participantes em sala, conversando ao mesmo tempo, podem dificultar a comunicação à medida que as discussões acontecem numa velocidade que se tornam difíceis de serem acompanhadas.

Apesar das vantagens e desvantagens que o espaço virtual ofereceu e de acordo com o que pudemos experimentar nesta Oficina, concluímos que o conhecimento está difundido no ciberespaço,

“A grande questão é como o educador e também o educando devem lidar com as novas ferramentas disponíveis na contemporaneidade. A tecnologia não subestima, nem o educador, nem o educando; apenas modifica as relações entre os mesmos propiciando um novo ambiente de compartilhamento de conhecimento” (VELO, 2010).

Na dinâmica traçada nesta “sala de aula” virtual, percebemos que a relação todos-todos é esboçada, também pelo fato de os ministrantes atuarem como mediadores da discussão (que requer uma postura diferente daquela convencional de professor de sala de aula física), possibilitando uma situação em que todos aprendiam com todos.

Para finalizar a execução de nossa Oficina, solicitamos aos participantes que, com base no que fora discutido, produzissem um texto de qualquer gênero sobre o que fora discutido na sala de bate papo. À partir das produções textuais foi possível perceber a recepção dosicineiros a essa nova forma de ensinar/aprender e o nível de assimilação do conteúdo com o uso dessas estratégias/recursos.

Explicamos aos participantes dessa oficina que os textos produzidos pelos mesmos seriam publicados no formato de um livro digital disponível na internet através do Blog do PIBID de História do CERES/UFRN. A ideia de ter um texto de sua autoria publicado foi o grande motivador para que eles realizassem tal trabalho. Como majestosamente explicita José Manuel Moran, “o fato de ver o seu nome na Internet e a possibilidade de divulgar os seus trabalhos e pesquisas exerce forte motivação nos alunos, estimula-os a participar mais em todas as atividades (...)” (1997, p. 4)

Mídias em sala de aula



Figura 2: Capa do Livro-digital “Mídias em Sala de Aula”

Fonte: pibidceres.blogspot.com

De acordo com o trecho abaixo, escrito por um participante,

“Exercer uma atividade dessa envergadura numa turma de adolescentes eufóricos e que adoram o bate papo para conversar sobre assuntos do cotidiano e transformar essa conversa num assunto que é debatido em sala de aula, realmente é um grande desafio para o professor. Mas aliar o que eles fazem no cotidiano com o aprendizado na escola é interessante, porque, como foi mencionado anteriormente, o professor pode perceber comportamentos que ele não conseguia perceber em sala de aula, como a questão da timidez em expressar sua opinião” (TEXTO 1).

E outro participante faz igualmente importantes considerações ao dizer que

“Na atualidade a velocidade com que as mudanças ocorrem aumentou consideravelmente. E à medida que a sociedade, a tecnologia e tudo o mais muda, torna-se importante adaptar-se à essas mudanças, e na educação não é diferente. Ao passo que os alunos apresentam novos interesses e preocupações, é preciso que a escola, em suas várias partes, leve em conta essas preocupações e se adapte. Um grande exemplo a ser levado em conta é o uso de recursos midiáticos” (TEXTO 2).

Conclusões

De acordo com Pierre Lévy, o virtual não é imaginário, pois ele produz efeitos: “De maneira análoga, diversos sistemas de registro e de transmissão (tradição oral, escrita, registro audiovisual, redes digitais) constroem ritmos, velocidades ou qualidades de história diferentes” (1996, p. 22).

Este fato é perceptivelmente sentido, de modo que diversos sistemas de transmissão de saberes são apresentados e utilizados no ensino de História, possibilitando assim, que “as histórias” sejam trabalhadas por meio de recursos e práticas metodológicas facilitadoras-dinamizadoras, levando em consideração as condições de assimilação de cada aluno, mesmo diante das dificuldades que as noções de tempo e espaço em História sofrem na web.

Para inserir os alunos nos espaços virtuais, são necessárias práticas que estejam sempre se recriando, se adequando à essa sociedade da mudança que corresponde, por exemplo, a esse alunado online. Não quer dizer que somente a implantação de computadores nas escolas, tornando-os acessíveis aos alunos seja a solução. É necessário para tanto, cursos de atualização e aperfeiçoamento pedagógico para o profissional da educação histórica, bem como capacitação técnica de pessoal para a utilização destes recursos, notadamente do computador.

A informação para utilização dos espaços virtuais precisa ser mediada entre professores/professores e professores-meios, para que em seguida seja adequadamente repassado, mediado para os alunos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FIGUEIREDO, Luciano R. “HISTÓRIA E INFORMÁTICA: O uso do computador”. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. – Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 419-439.

SILVA, Valdenildo Pedro da. “O desenvolvimento do raciocínio espacial na era das tecnologias informacionais”. IN: DANTAS, Eugênia, e BURITI, Iranilson (orgs) **Metodologia do Ensino e da Pesquisa**. João Pessoa/Campina Grande: Idéia/EDUFPG, 2008, p. 57-89.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Ed. 34, 1996

RAMALHO, José Antônio. **Mídias sociais na prática**. – São Paulo: Elsevier, 2010.

REINATO, Eduardo José. Informática e Educação: Exemplificando uma experiência e uma inquietação de pesquisa. **O olho da história**, Salvador, 2005. Dossiê III - Educação e Tecnologia. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/revista8.php>>. Acesso em: 16 set. 2012.

SILVA, Marco. “Apresentação”. IN: SILVA, Marco (Org.) **Educação online: teoria, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MORAN, José Manuel. Como utilizar a internet na educação. **SciELO**, Brasília, maio/ago., 1997. Ciência da Informação. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-19651997000200006&script=sci_arttext. Acesso em: 02 jan. 2011.

VAVASSORI, Fabiane Barreto; RAABE, André Luís Alice. “Organização de atividades de aprendizagem utilizando ambientes virtuais: um estudo de caso” IN: SILVA, Marco (Org.) **Educação online: teoria, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 313-322.

THEODORO, Janice. “Educação para um mundo em transformação”. IN: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. – 5ª ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.